



Vol. 19, nº 2 (2020)

DOI: 10.30681/issn22379304v19n02/2020p204-219

O TÍMIDO E AS MULHERES: CULTURA, SOCIEDADE E A IMAGEM FEMININA NA OBRA DE PEPETELA

THE SHY AND WOMEN: CULTURE, SOCIETY AND THE FEMALE IMAGE IN PEPETELA'S WORK

Kátia de Oliveira Carvalho¹
Jesuíno Arvelino Pinto²

Recebimento do texto: 16/09/2020

Data de aceite: 10/10/2020

RESUMO: O objetivo deste trabalho consiste em analisar e refletir a respeito do movimento que envolve questões culturais na sociedade angolana e como a figura feminina é marcada e descrita pelo escritor nesses contextos temporal e espacial marcados por contrastes. Para a realização da pesquisa buscou-se aporte teórico em Todorov (1976), Lukács (1999), Bhabha (1998), Mata (1993 e 2001), Pinto (2007), Ribeiro (1992), Macedo (2008), dentre outros. **O Tímido e as Mulheres** é um dos mais recentes romances do escritor angolano Pepetela. A narrativa aborda de maneira leve, agradável e prazerosa, questões sociais de uma Luanda contemporânea, da segunda década do século XXI, com suas atualidades e problemas comuns das metrópoles do terceiro mundo. Nessa obra, Pepetela provoca reflexões acerca da modernidade de Angola, bem como das relações estabelecidas a partir da sua emancipação política. O foco central da narrativa centra-se nas questões femininas vivenciadas em Luanda, no momento de transição e re (adaptação), ressaltando o contraste entre o velho e o novo.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade; Cultura; Feminino.

ABSTRACT: The objective of this work consists in analyzing and reflecting on the movement involving cultural questions in angolan society and how the female figure is marked and described by the writer in these temporal and space contexts marked by contrasts. To carry out the research, a theoretical contribution was sought in Todorov (1976), Lukács (1999), Bhabha (1998), Mata (1993 and 2001), Pinto (2007), Ribeiro (1992), Macedo (2008), among others. **The Shy and Women** is one of the most recent novels by angolan writer Pepetela. The narrative addresses, in a light, pleasant and pleasant way, social issues of a contemporary Luanda, from the second decade of the XXI century, with its current and common problems of the metropolises of the third world. In this work, Pepetela provokes reflections about the modernity of Angola, as well as the relations established from its political emancipation. The central focus of the narrative focuses on the female questions experienced in Luanda, in the moment of transition and re(adaptation), emphasizing the contrast between the old and the new.

¹ Mestranda em Letras pelo PPGLTRAS, da Universidade do Estado de Mato Grosso /Sinop. Contato: katia.carvalho@unemat.br

² Doutor da Universidade do Estado de Mato Grosso /Sinop. Professor do PPGLTRAS/ UNEMAT/ Sinop. Contato: jesuino.pinto@unemat.br



KEYWORDS: Society; Culture; Feminine.

Introdução

O Tímido e as Mulheres é um dos mais recentes romances do escritor angolano Pepetela, publicado no Brasil em 2014 pela Editora Leya. Uma agradável crônica de costumes e do cotidiano, que aborda questões da cidade de Luanda e da vida dos moradores fictícios que habitam as páginas do livro.

A narrativa apresenta, de maneira bem-humorada, uma Luanda contemporânea, mais precisamente da segunda década do século XXI. O enredo centra-se em críticas às questões sociais, bem como aos avanços e problemas que enfrentam as metrópoles do terceiro mundo no período pós-independência. Seu mote constitui-se pelas particularidades vivenciadas pelas mulheres em uma capital recém descolonizada em constante renovação e tentativas de adequação das personagens aos “novos tempos”, destacando o contraste entre o velho e o novo tendo um narrador-autor que, paulatinamente, perpassa diferentes estratos sociais. Todo enredo entrelaça-se à narrativa da trajetória de um eminente escritor e sua timidez.

A trama possui caráter de crônica, é narrada em terceira pessoa e os capítulos se intercalam, entrelaçam, assim, com as histórias das personagens. São lineares, haja vista que dão continuidade à um acontecimento, ao mesmo tempo que há o processo de alternância, pois passa de uma personagem à outra. Percebe-se também a simultaneidade das histórias, uma vez que o autor utiliza a técnica do contraponto. Porém, não é uma narrativa contínua, alterna os capítulos, provocando a curiosidade no leitor. No entanto, o narrador costura os acontecimentos, demonstrando grande conhecimento do espaço e das personagens e desvelando



posicionamentos relacionados ao caráter e a conduta de muitos luandenses, que de maneira direta acabam por influenciar negativamente na estruturação e construção de um país mais humano e menos corrupto.

A obra é composta por 30 capítulos e, ao final, há um glossário para auxiliar leitores não habituados ao vocabulário angolano. Tem uma escrita leve, de fácil compreensão e expõe as relações que vão tecendo e entrelaçando os personagens bem elaborados. Pepetela vai apresentando-os e familiarizando o leitor com as suas diferentes personalidades, desejos, motivações, (des) ilusões. No enredo, a narrativa apresenta, de maneira explícita e forte, momentos tão verossímeis da vida dos angolanos, como a corrupção e o vício pelo poder. Sendo um problema quase endêmico que desarticula, corrói, destrói o projeto de construção nacional, que acreditava nos valores humanos cultivados por pessoas à margem do poder desde os tempos de colonização.

O escritor, por meio de sua história **O Tímido e as Mulheres**, apresenta a capital angolana, Luanda, uma cidade contemporânea em pleno crescimento e desenvolvimento, como tantas outras, habitadas por pessoas socioeconomicamente diferentes, que lutam para se estabelecer e sobreviver superando as diferenças e adversidades de um povo no pós-colonialismo.

Um mundo onde as mulheres lutam para garantir e ter reconhecido o seu valor e o seu lugar na sociedade por meio do trabalho que desenvolvem, tentando conciliar as novas possibilidades e oportunidades com o papel que sempre desempenharam e que sempre lhes foi atribuído, como mães, esposas, avós, amantes, estudantes, assumindo-se e fazendo se reconhecer para além da sua sexualidade. Onde os homens são “obrigados” a se adaptar a essa nova realidade, ou seja, o enredo do romance gira em torno das relações humanas.



Pepetela e sua obra

Pepetela nasceu Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos em 1941 na cidade de Benguela, Angola. O mais jovem escritor a receber o Prêmio “Camões”. Sua produção literária reflete sobre a História de Angola e os problemas que a sociedade enfrenta. Militante político, sociólogo, foi guerrilheiro, representante do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e vice-ministro da Educação em 1975, ano da Independência do país. Sua obra é central para a compreensão da literatura em língua portuguesa produzida fora do Brasil e constitui-se em uma profunda análise do país a partir da temática da formação da nação.

A professora e crítica literária Inocência Mata, em **Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela**, (1993, p. 64), observa que, para Pepetela, o “mais importante era a consciência de pertença a uma coletividade que partilha uma história, um tempo vivido, ainda que idealizadamente.” E prossegue afirmando que o autor tem se revelado um escritor singular, capaz de desconstruir o discurso nacionalista, articular a sua ficção com as transformações da História e da sociedade angolana e com as exigências de um pensamento novo diante da realidade de seu país, que hoje pouco tem a ver com aquele idealizado no processo de independência.

No texto “Pepetela: um escritor (ainda) em busca da utopia”, Mata (2001) assevera que:

A obra de Pepetela, com efeito, revela uma força dialógica intensa com o contexto de que emerge: um diálogo extremamente ativo entre o país vivido e vivenciado pela consciência coletiva e filtrada pela consciência individual do escritor entre o país ideal e o país real. (MATA, 2001, p. 244).



No romance, o autor nos apresenta uma sociedade onde coabitam os maiores contrastes e evidencia seu humanismo, tema recorrente em suas obras, por meio do seu modo particular de ver, sentir e escrever sobre Angola. A narrativa aborda a História de seu país e a construção da identidade angolana.

Traz, também, como se Pepetela não resistisse a determinadas recorrências, a ideia da luta pelo poder, diluída em cinco páginas, no conto “A Ordália”, escrito por Heitor (autor fictício), de acordo com a concepção pepeteliana de que o poder vicia e corrompe e que, uma vez sentido o seu gosto, fica difícil abrir mão dele. É importante atentar para o fato de que o conto é transcrito, literalmente, no romance. Dessa maneira, Pepetela embaralha; brinca com os gêneros e suas formas. Relaciona o enredo do conto ao do romance e retoma a forma do gênero “conto” ao trazê-lo para dentro de uma narrativa romanesca.

Há, na narrativa, um processo de construção de escrita que chama a atenção: há um enredo que diz sobre si mesmo e, nesse sentido, o romance pode ser lido como uma metanarrativa. À medida que o narrador discorre acerca do processo criativo de Heitor, Pepetela nos apresenta o seu. Portanto, simultaneamente, dois textos vão sendo tecidos cuidadosamente: a narrativa de Heitor e a de Pepetela.

Dessa maneira, o narrador ao descrever o processo criativo de Heitor alude também ao processo criativo de Pepetela. Portanto, não despropositadamente, o protagonista da narrativa é um escritor.



Contextualização e cultura em Angola

A República de Angola é um país localizado na costa ocidental da África, banhada pelo oceano Atlântico. Colonizada por Portugal, sua independência aconteceu em 1975 e, apesar da conquista da autonomia política, a luta que antes era contra a ocupação portuguesa tornou-se uma guerra civil provocada por divergências políticas que tornou as instituições frágeis em relação à cultura e aos saberes. Após décadas de conflito civil e de muitos problemas de caráter social, é um dos países mais pobres do mundo e a estrutura política concentra o poder nas mãos de um presidente, que conta com o auxílio de um primeiro ministro acrescido do conselho de ministros, nas palavras de Mata (1993):

Por isso, o procedimento pós-colonial angolano convoca tempos e *lugares* de utopia e de distopia, que se entrecruzam num dispositivo textual em que se torna recorrente o jogo entre construção identitária nacional e seu questionamento, por via da pulverização do modelo de angolanidade que a literatura vem propondo, e o jogo entre presentificação e ocultação do colonial. (MATA, 1993, p.37).

No romance **O Tímido e as Mulheres**, o leitor é levado às ruas de Luanda pelos olhos das personagens Heitor, Marisa e Lucrécio, que mostram a cidade atual, tão modificada em poucas décadas, assim como as transformações ocorridas principalmente por conta do desenvolvimento desorganizado e desenfreado, apresentando histórias e a tradição angolanas e possibilitando a compreensão do cotidiano de um povo afetado por um passado de guerras e que vive em busca de (re)construir sua identidade. Nesse contexto percebe-se uma capital que cresce alucinante, onde a corrupção é estrutural e impera em todos os setores. A realidade vivida pelos habitantes, o desejo pulsante de estabelecer uma identidade nacional,



as lutas e dificuldades diárias, os ideais, os sonhos, os efeitos das guerras, as desigualdades e todos os seus contrastes; contribuíram para que Luanda passasse a se impor como modelo e referência na luta pela libertação africana.

De fato, Luanda tem papel importante na História e conseqüentemente, na literatura do país nesse processo de (re)construção identitária. O gênero romanesco ganha então, importante valor, haja vista que, de maneira sutil, apresenta para o mundo os costumes, saberes, sabores e paisagem de uma África forte, de um povo determinado em perpetuar suas raízes e suas tradições, cujo “desfazer das teias do que se convencionou aceitar como tradição literária angolana está a elaborar-se segundo uma perspectiva pós-colonial” (MATA, 1993, p. 34), no sentido de um tempo de vivência de um povo após o processo de descolonização e na conquista da tão almejada liberdade.

Sobre as questões da pós-colonialidade, Mata (1993) assegura que:

Na verdade, o termo “pós-colonial” não tem uma recepção linear. Vários estudos sobre o pós-colonialismo começam por discutir o alcance dessa ideia. [...]

Portanto, o pós-colonial, não tem necessariamente a ver com a linearidade do tempo cronológico, embora dele decorra. (MATA, 1993, p. 35-36)

Nesse processo de colonização e descolonização não se pode deixar de abranger as questões de nação, considerando as referências de territorialidade, Assim, Bhabha (1998) expõe a ideia de nação como uma narrativa com duplo sentido, de autoridade discursiva ambivalente que busca o desenvolvimento e o progresso que se molda cotidianamente sendo “espaço liminar de significação, que é marcado internamente pelos discursos de minorias, pelas histórias heterogêneas de povos em disputa, por



autoridades antagônicas e por locais tensos de diferença cultural” (BHABHA, 1998, p. 240).

A partir do vivido, a tendência é acontecer a negação do discurso previamente e anteriormente construído, no intuito de renovação das concepções internas buscando então manter e legitimar o poder e os valores e, de acordo com Bhabha (1998):

A nação preenche o vazio deixado pelo desenraizamento de comunidades e parentescos, transformando esta perda na linguagem da metáfora. A metáfora, como sugere a etimologia da palavra, transporta o significado de casa e de sentir-se em casa através da meia-passagem ou das estepes da Europa central, através daquelas distâncias culturais que transpõem a comunidade imaginada do povo-nação. (BHABHA, 1998, p. 228).

Enredo: a história do tímido

Heitor, é um escritor em início de carreira, o tímido, principalmente em relação às mulheres. Um jovem curioso e questionador quanto aos principais conceitos sociais acerca do feminino que estão arraigados na cultura angolana. De classe média alta, mãe deputada e pai diretor de empresa estatal, formado em História, não pretende ser historiador e depois de uma decepção amorosa decide dedicar-se ao seu sonho de ser escritor. Escreve uma novela com título: **Pra lá das ondas**, era uma novela de um amor no meio de combates inodoros, insípidos, mas não menos dolorosos. (PEPETELA, p. 12). Resolve se isolar e muda-se para o subúrbio e começa a ter contato com o mundo e uma realidade bem diferente da que vivia.

O desencontro entre Marisa e Heitor permeia a narrativa até o fim, pelo desejo insatisfeito de ambos. É necessário ressaltar que não há um



sentimento de amor ou paixão entre eles, apenas um desejo intenso, que os leva a fraquejar em diversos momentos da narrativa. Esses personagens unem-se a outros que conduzem o leitor por uma Luanda alucinante.

Heitor escreve um conto, intitulado “Ordália”, vocábulo que significa uma espécie de sentença em que se averigua a inocência ou a culpa de alguém. É trazido exatamente momentos antes de Lucrécio cometer suicídio. Marisa é suspeita. As opiniões se dividem, alguns acreditam na inocência dela, outros apostam na sua culpa. Ela decide afastar-se definitivamente de Heitor por acreditar que, por ciúmes, seria o motivador da desconfiança popular. Lucrécio deixa um bilhete, em forma de poema que pode conter pistas importantes do seu desfecho:

Abri a janela da gaiola
Para poderes voar.
Essa janela por onde entraste na minha vida.
(PEPETELA, p. 268)

Assim, fecha a narrativa, a entrega do livro e o fim das leituras de Marisa, que coincidem com a morte de Lucrécio.

As personagens

Heitor é nome de herói.
Os nomes são importantes. Os heróis às vezes também. Não há heróis tímidos, embora não sejam conceitos totalmente contraditórios. O Heitor de que falaremos [para usar o aristocrático plural, privilégio de narrador] era tímido, muito tímido mesmo.
(PEPETELA, 2014, p. 07).

Há que se pensar Heitor em uma narrativa angolana? Esse não é um nome comum na cultura angolana, no entanto, o narrador estabelece a



relação entre o Heitor ao qual se refere e a personagem, de mesmo nome, que guerreou na batalha de Troia, “Pobre Heitor, longe de Troia.” (PEPETELA, 2014, p. 9), ou ainda, “A dor lhe dava para memória de gregos, talvez por ser uma tragédia se abatendo por sua cabeça, talvez por se chamar Heitor, o assassinado em Troia pelo brutamonte Aquiles.” (PEPETELA, p. 34).

Assim tem início o romance que conta sobre um jovem escritor, homem tímido chamado Heitor, sem nenhuma particularidade heroica e seus amores. Por meio dessa personagem e de seus amigos é que se desenvolve toda a trama do romance, apresentando-nos o dia-a-dia da capital de Angola e seus contrastes. Quando esse tímido julga ter encontrado a mulher da sua vida, é trocado por outro. Então, larga tudo para se enfiar em um casebre no meio do nada, escreve uma novela de amor e, paulatinamente, vai saindo da redoma onde sempre viveu. Por meio dessa personagem, muitas outras relações se evidenciam e permitem perceber que o indivíduo é apenas uma “peça” de um jogo. Isso é visível no fato de Heitor, filho da nova elite angolana, manter-se à margem do mundo vivido pelos pais e se sentir mais à vontade na periferia de Luanda.

Heitor, apesar de ser historiador, apresenta seu lado escritor em dois momentos da obra. O narrador relata seu processo de construção literária, em que experimenta diversos gêneros e opta pelo romance, que possibilita o estabelecimento de jogos paralelos realizados entre autor, leitor e texto literário, o que nos remete à teoria do romance, exposta por Lukács (1999):

Os homens modernos, ao contrário dos homens do mundo antigo, separam-se quanto às suas finalidades e relações pessoais das finalidades da totalidade; aquilo que o indivíduo faz com as suas próprias forças o faz só para si, e por isso responde somente por suas ações e não



Vol. 19, nº 2 (2020)

pelos atos da totalidade substancial à qual pertence.
(LUCKÁCS, 1999, p. 6).

Para além da encenação do “jogo do texto” que a narrativa traz, os efeitos que o texto literário produz também são encenados no romance. Em determinados momentos, Heitor é espectador de Marisa. Ele a observa lendo seu texto e participa dos efeitos que as leituras despertam na leitora. O prazer da experiência estética é encenado e metaforizado pelo prazer sexual e pela relação de desejo recíproco estabelecido entre escritor e leitora.

Marisa teve um estremecimento, Heitor pôde sentir sem dúvida nenhuma, enquanto as nádegas dela se apertavam e depois enlanguesciam, deixando as coxas enfim se separar. Ela sabia, estava a ser observada. No entanto permitiu a visão mais ampla da bunda fremente, ou não pôde resistir a um suspiro que escapou entre frases e um gaguejar ligeiro quando o herói realizou o desejo mútuo. Devia ser muito lasciva a estória, pensou Heitor, ou ela a vivia com a intensidade que se deseja dos bons leitores, porque a sensualidade explodia de sua garganta e havia arrulhos e gemidos que se colocavam às palavras, enquanto os dois heróis se perdiam num orgasmo prolongado. (PEPETELA, p. 56)

Assim, temos a descrição das outras personagens. Marisa, a protagonista jornalista. Mulher forte, fiel e bela, seduz os homens, mas nunca consolida o ato por amor e respeito ao marido. Demonstra grande preocupação e engajamento quanto às questões femininas, por meio de seu programa diário na rádio.

Lucrécio, considerado extremamente inteligente, um intelectual que dedica sua vida ao seu grande amor. Acometido de poliomielite quando criança é cadeirante e marido de Marisa.



Desempenhando funções secundárias, o narrador apresenta-nos Jeremias, funcionário público, corrupto, sobrevive de pequenos golpes de extorsão. Porém é um grande admirador da radialista e o Senhor do Dia 13. Antunes, jornalista e Lucas, engenheiro são os amigos de Heitor. A família da zungueira dona Luzitu, filhas com nome de flores da qual se destaca a jovem e Orquídea, que será atraída pelo charme do tímido.

A representação feminina na narrativa

A encantadora e fiel jornalista, Marisa, e as personagens femininas da obra, contrariando as expectativas tradicionais angolanas, não apresentam perfis tradicionais, e sim um senso comum pré-definido e esperado. Marisa, de origem humilde, encanta os homens por sua simpatia e por sua beleza e exuberância física. Mesmo sendo cobiçada, mantém-se fiel ao marido até o fim, agindo como declara Antunes, amigo de Heitor, “A colega era conhecida como incendiária, punha os homens ao rubro e depois escapava, deixando-os exangues e de língua para fora” (PEPETELA, 2014, p. 40). Mais adiante, esse comportamento de Marisa é esclarecido pelo narrador ao declarar que “No entanto, sabia, amava Lucrécio, ele era o homem da sua vida. Complicado? Para ela, tão evidente” (PEPETELA, 2014, p. 153).

Embora a história comece com uma desilusão de Heitor e termine com a personagem namorando a bela jovem Orquídea, é com Marisa que se dá a trama do romance. Após ler o romance escrito por Heitor, Marisa sente-se atraída tanto pela narrativa quanto pelo escritor. A leitura é feita na casa de Heitor, só de roupas íntimas. Mesmo tomada pelo desejo, no momento decisivo vai embora, mantendo-se fiel. Assim, as mazelas femininas são exploradas e expostas na obra em análise. Segundo Macedo (2008):



As mulheres da ficção da literatura angolana contemporânea caracterizam-se principalmente pela luta incessante pela sobrevivência, por uma profunda ligação à família e aos valores da ética e do trabalho (Macedo, 2008, p. 125).

Apesar dos conceitos coloniais acerca do gênero feminino terem engessado a mulher angolana dentro de um estereótipo submisso, sensual e não ativo, Pepetela, traz personagens femininas fortes, independentes, promissoras, capazes e cheias de vida, coragem e determinação.

Inocência Mata (1993) observa que “o colonial e suas modalidades cronotópicas funcionam no texto como força centrífuga que os projetos político-sociais quiseram contrariar, primeiro através de uma concepção totalizadora da nação e da identidade” (MATA, 1993, p. 37), ou seja, as situações pelas quais o povo angolano e especificamente a mulher angolana viveu no período de subjugação colonial, acabou por impulsionar posições sociais e mudanças em toda sociedade africana, fortalecendo identidades étnicas, históricas e sociais e no caso dos romances de Pepetela, essa representação se dá de maneira irônica e paródica.

Jovem, negra, atraente e bem-sucedida, Marisa esbanja autonomia e consciência humana, com uma voz sedutora e uma formação profissional incomum para uma mulher em seu meio, destaca-se também por lançar mão da sua função social para dar voz a mulher angolana. Apaixonada pela capital Luanda, onde reside com o marido, organiza-se para dar conta do trabalho que adora e do marido que demonstra amar, “No entanto, não era despreocupada. E aproveitava de vez em quando para criticar atitudes, comportamentos, situações” (PEPETELA, 2014, p. 13).

Dona Luzitu, de temperamento forte e valente, é dona de uma biografia valente e triste, atrelada a História das guerras de libertação



angolana, que lhe ceifaram o marido e dois de seus filhos. Moradora da periferia, desempenha a função de zungueira, vendedora ambulante, para manter sua família. Viúva respeitada de um antigo combatente, configura-se como uma personagem intrigante.

E Orquídea, filha de dona Luzitu, jovem universitária, determinada e muito bonita é atraída pelo charme do tímido.

Para Tania Macedo (2008),

acerca da escrita angolana pós-independente sobre o gênero feminino são personagens positivas, e rompem definitivamente com os estereótipos forjados pelo colonizador sobre a lascívia feminina, a partir de um imaginário em que ganha preponderância a nudez dos corpos e uma suposta libertinagem sexual que substitui a inteligência (MACEDO, 2008, p. 125).

A verdade é que, se toda a sociedade não estiver estruturada e orientada para a igualdade, continuará a existir uma pressão extra sobre as mulheres que castra o seu futuro, que as mantêm na linha de frente da pobreza, da baixa escolaridade e por isso mais frágeis e dependentes. Nessa perspectiva, a literatura passa a questionar antigos conflitos coloniais, incluindo o papel da mulher em Angola. Assim, Luanda serve de cenário para histórias de mulheres nobres, que colaboram para o seu crescimento de forma ativa e positiva. Antes da liberdade nacional, a figura feminina era vista apenas como “o objeto do desejo de uma poesia que lançava a mulher africana um olhar exótico” (RIBEIRO, 1992, p. 86).

De acordo com o estudioso Alberto Oliveira Pinto, “a mulher africana foi sempre encarada pelos colonos portugueses tão somente enquanto um instrumento de dominação, sobre os espaços e sobre os homens colonizados” (PINTO, 2007, p. 48). Nesse sentido, é possível perceber que as narrativas de Pepetela, como tantos outros autores africanos, permeiam sobre o pré-colonial, o colonial e o pós-colonial.



Considerações Finais

O Tímido e as Mulheres, de Pepetela, com sua escrita leve, apresenta de maneira singela e até irônica, personagens femininas que destoam do perfil da mulher angolana antes da independência. Por meio de seus personagens, tece críticas ao sistema de governo e às questões sociais em que vivem esse povo tão marcado por lutas e dificuldades e que tem estabelecido em sua personalidade, caráter e formação, fortemente a corrupção.

Na narrativa, a maneira como as relações se estabelecem, permite ao leitor perceber o cenário de um país que, após o período de guerra, exhibe um cotidiano que ainda está longe de permitir que condições sociais mais justas sejam alcançadas, porém, ao mesmo tempo, um povo que acredita em suas tradições e que luta ferozmente para a permanência e perpetuação de suas raízes.

O romance possibilita perceber que as identidades das personagens foram estrategicamente construídas de maneira a permitir que a ideia de jogos se evidencie. Ao conceber um enredo, cujos personagens centrais são um escritor e sua leitora, Pepetela traz os jogos a serem praticados em relação ao enredo ou a forma: os dois se imbricam e essa imbricação forja, simultaneamente, os romances de Pepetela e de Heitor.

Assim, a narrativa romanesca encena o seu próprio processo construtivo, enfocando um passado de dificuldades, ressaltando as diferenças e os conflitos em todos os campos sociais e pessoais, internos e externos. Dessa maneira, sendo a narrativa um meio de expressão real do discurso representativo de histórias reais vividas dia-a-dia pelo povo não apenas angolano, mas africano de modo geral, durante décadas.



Referências

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

LUKÁCS, Georg. O romance como epopeia burguesa. Trad. Letícia Zini Antunes. In: **Ad hominen I**: Revista de Filosofia, Política, Ciência da História. Tomo II Música e Literatura. São Paulo: Ad Hominem, 1999.

MATA, Inocência. **Silêncios e falas de uma voz inquieta**. Lisboa, Mar Além, 2001, p. 196-197.

MATA, Inocência. **Ficção e história literatura angolana: o caso de Pepetela**. Luanda: Edições Mayamba/Lisboa: Edições Colibri, 1993.

MACEDO, Tania. **Luanda, cidade e literatura**. São Paulo: Editora UNESP; Luanda (Angola): Nzila, 2008.

PEPETELA. **O tímido e as mulheres**. São Paulo: Editora Leya, 2014.

PINTO, Alberto Oliveira. O colonialismo e a coisificação da mulher no cancionário de Luanda, na tradição oral angolana e na literatura colonial portuguesa. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (Orgs.). **A mulher em África – vozes de margem sempre presente**. Lisboa: Colibri, 2007, p. 35-49.

RIBEIRO, Maria Aparecida. A mulher e a cidade: uma leitura da narrativa angolana, **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº 34, fevereiro de 1992, p. 85-97.

TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária. In. BARTHES, Roland et. al. (Org.). **Análise estrutural da narrativa**. 4. ed. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 209-254.